

## A LOUCURA ENTRE TRÊS FONTES HISTÓRICAS:

PHILIPPE PINEL, FRANCISCO MONTEZUMA E GUSTAVO  
BARROSO

Cláudia Freitas de Oliveira\*

### RESUMO

Os discursos sobre a loucura têm longa trajetória documental e bibliográfica, com ampla inserção nas narrativas científicas, médicas, psiquiátricas, jurídicas, memorialistas, sociológicas e literárias. Produzidas no mundo ocidental, sobretudo na França, Itália, Alemanha, Inglaterra e nos Estados Unidos, em fins do século XVIII, as ideias científicas sobre a loucura adentraram no Brasil, notadamente a partir das teses produzidas pelas faculdades de direito e de medicina e ganharam espaço no Ceará do século XIX, através de discursos produzidos em jornais e publicados sob a forma de ensaios. Este artigo visa analisar três fontes sobre a temática da loucura cujos gêneros narrativos são distintos. São eles: um tratado médico-filosófico, dez cartas escritas em um jornal e um ensaio de cunho sociológico, produzidos pelo psiquiatra francês Philippe Pinel, pelo médico cearense Ribeiro Delfino Montezuma e pelo literato e advogado cearense Gustavo Barroso, respectivamente.

**Palavras-chave:** Loucura, Philippe Pinel, Francisco Ribeiro Delfino Montezuma, Gustavo Barroso.

\* \* \* \* \*

Na primeira fonte, serão analisados fragmentos da obra do médico Philippe Pinel, intitulado *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a Mania*, publicada em 1801. A segunda refere-se à série de artigos, intitulado *Cartas Sobre a Loucura*, publicado em um jornal fortalezense pelo médico Francisco Ribeiro Delfino Montezuma, em 1886. A terceira fonte refere-se ao ensaio publicado pelo literato e ensaísta Gustavo Barroso, *Terra do Sol*, em 1912. O objetivo do artigo é estabelecer uma articulação entre as três obras ao problematizar como a noção de loucura adentra em âmbitos diferenciados das experiências da cultura e das relações sociais, através de (re)apropriações de sentidos.

---

\* Pós-doutoranda em História (PNPD – CAPES -MAHIS/UECE). Professora do IFCE e professora colaboradora do Mestrado Acadêmico em História da UECE. E-mail: [claudia.oliveira@ifce.edu.br](mailto:claudia.oliveira@ifce.edu.br)

## 1. Philippe Pinel e o *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a Mania*: a loucura como objeto da medicina.

A base investigativa de Philippe Pinel e dos alienistas de sua geração (também denominados de pioneiros da psiquiatria) era localizar a *natureza* da loucura, desvendando-a de todo tipo de obscurantismo ou subjetividade existente na relação: doente-doença-médico. Para isso, a experiência da observação clínica – na coletânea e na análise de dados quantitativos e qualitativos realizada por parte do médico – daria o aporte metodológico científico necessário para a refutação de possíveis erros ou equívocos. A loucura deveria ser tratada a partir da perspectiva fenomenológica quanto à descrição dos casos, dos sintomas e dos relatos, narrados pela família ou pelo próprio paciente. Assim, a concepção e o tratamento da loucura aproximavam-se dos preceitos positivistas construídos durante o século XIX e que adentravam em vários campos do conhecimento humano, entre eles, o da psiquiatria.

Em 1801, Philippe Pinel publica o *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a Mania*<sup>1</sup>, um marco para a psiquiatria clínica e experimental no qual constavam descrições e explicações de casos de pacientes internados em hospitais psiquiátricos, em especial em Bicêtre, onde Pinel foi diretor<sup>2</sup>. No Tratado, o autor utiliza-se de critérios orgânicos e fisiológicos com ênfase nas atividades cerebrais para embasar a tese segundo a qual existiriam quatro classes de manifestações mórbidas entre os alienados: a *mania*, a *melancolia*, a *demência* e o *idiotismo*. Estas, por sua vez, eram decorrentes de três causas: as *físicas* (relativas à ação de distintos órgãos), as *hereditárias* (motivadas por ascendência genética) e as *morais*, (atribuídas às paixões, como sentimentos ou afecções). As causas

<sup>1</sup> PINEL, P. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1801)*. (extratos sobre a mania e sobre o tratamento moral). Clássicos da Psicopatologia ano VII, n. 3, set/ 2 0 04 Rev. Latinoam. Psicop. Fund. VII, 3, 117-127. *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale ou la Manie*. Paris: Richard, Caille e Ravier, 1801. Tradução por Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco.

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva 1972. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979. \_\_\_\_, *Os Anormais*, São Paulo: Martins Fontes, 2001. \_\_\_\_, *Doença Mental e Psicologia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988. GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005. PESSOTTI, I. *O Século dos Manicômios*. São Paulo: ed. 34, 1996. SANTOS, N. *O Hospital de Rilhafoles e os Asilos de Alienados na Europa do Século XIX*. *Psilogos*. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. Vol. 9, Nº 2, 2011.

morais ou afetivas eram as que mais chamaram a atenção do médico francês e que mereceram maior espaço no Tratado<sup>3</sup>.

Uma das grandes inovações propostas por Pinel quanto ao tratamento da loucura era o seu contundente posicionamento contrário às ações violentas praticadas por funcionários dos hospitais gerais sobre os pacientes; estas só deveriam ser utilizadas em último caso. Pinel tornou-se reconhecido, historiograficamente, por ser o defensor do fim abusivo das correntes e por ser o introdutor da ação terapêutica nomeada de *tratamento moral* cujos objetivos principais foram oferecer aos loucos o ensinamento acerca dos verdadeiros e corretos valores morais e reeducar seus sentimentos e paixões, a partir do uso do controle e autoridade médicos que lhes inspirassem confiança. O médico, assim, exerceria uma função pedagógica moral no tratamento da doença<sup>4</sup>.

Alguns trechos do *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a Mania* são significativos para a compreensão do pensamento de Pinel, como um todo. Nele, o autor visa investigar os tipos de loucura, ao descrever as ações, comportamentos e sintomas apresentados pelos pacientes.

Inicialmente, Philippe Pinel apresenta as manifestações específicas de alguns alienados, deixando claro que não se devem homogeneizar a loucura, mas observar as tipicidades de cada caso. Assim, há alienados que: *mantem a cabeça elevada, o olhar fixo no céu, a fala em voz baixa*. Outros *manifestam-se excessos inúteis de um humor jovial e gargalhadas incontroláveis*. Há ainda aquele que: *manifesta-se uma seriedade sombria, uma efusão de lágrimas sem causa conhecida, ou mesmo uma tristeza concentrada e angústias extremas*<sup>5</sup>.

Havia ainda os alienados que possuíam fortes preconceitos religiosos e que, em momentos de acessos, manifestavam sua devoção maníaca. Eram os chamados maníacos religiosos. Para Pinel, a mania religiosa, manifestava-se quando associada à *ideia quimérica*

<sup>3</sup> MARTINEZ, José Roberto Barcos. **Metapsicopatologia da Psiquiatria: uma reflexão sobre o dualismo epistemológico da psiquiatria clínica entre a organogênese e a psicogênese dos transtornos mentais**. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2006.

<sup>4</sup> CASTEL, R. **A Ordem Psiquiátrica: A Idade de Ouro do Alienismo**. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1978. PORTER, R. **Uma História Social da Loucura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.

<sup>5</sup> Pinel, P. **Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1801)**. (extratos sobre a mania e sobre o tratamento moral). Clássicos da Psicopatologia ano VII, n. 3, set/ 2 0 04 Rev. Latinoam. Psicop. Fund. VII, 3, 117-127. **Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale ou la Manie**. Paris: Richard, Caille e Ravier, 1801, p. 118.

*de uma potência suprema, ou de uma participação na natureza divina, e que, em momento de acesso maníaco, levava a alegria do insano aos mais extáticos prazeres e até a uma espécie de encantamento e de embriaguez de felicidade.* Pinel menciona o caso de um louco *que durante seus acessos acreditava ser o profeta Maomé*; outros que, por *preconceitos religiosos, recusavam comida com a mais invencível obstinação, por sentirem-se culpados diante da divindade.* Outros narravam tormentos vividos em outra vida e *para deles escapar, deveriam imitar as abstinências e as mortificações dos antigos anacoretas*<sup>6</sup>.

Além da tipologia e das manifestações da loucura, Pinel retrata os momentos de acessos de mania acometidos pelos loucos, manifestados sob a forma de raiva e fúria. Em geral, os acessos de mania:

mostram-se sob forma de um arrebatamento prolongado, mais ou menos impetuoso. São muito mais essas emoções de natureza irascível que constituem a verdadeira característica desses acessos, do que a perturbação de idéias ou as singularidades bizarras do julgamento. Mas como conceber o instinto destrutivo de alguns alienados, ocupados incessantemente em rasgar e esfarrapar tudo o que podem alcançar? Algumas vezes, é sem dúvida por um erro da imaginação, como o prova o exemplo de um insano que rasgou as roupas de cama e a palha de seu colchão, que acreditava ser um amontoado de serpentes e cobras enroladas<sup>7</sup>.

Os acessos de raiva também eram acometidos por motivos externos e, não necessariamente, pela doença em si. Assim, era comum aos loucos ter acessos de fúria ao serem provocados por: *pessoas de mau gosto que vinham visitar o hospício e faziam brincadeiras desumanas ao importuná-los ou ao provocá-los*; ou até mesmo por enfermeiros que provocavam os doentes que se encontravam em situação calma e até *em vias de suas curas* e, que tinham recaídas *em acessos de furor por contrariedades deslocadas ou atos de violência*<sup>8</sup>.

Segundo Pinel, nesses acessos, o louco adquiria tanta força que era necessário a sua contenção não apenas por único funcionário do hospital, mas por um aparato de pessoal de serviço. Era necessário que o hospital estivesse preparado para as manifestações dos acessos de mania, não apenas visando à contenção e à repressão no momento da crise, mas compreendendo o uso da força pontual como um processo para a própria cura:

<sup>6</sup> Pinel, P. 1801, p.121.

<sup>7</sup> Idem. 1801, p. 119.

<sup>8</sup> Ibidem, 1801, p. 127.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

o insano é, então, dotado de uma audácia intrépida que o leva a dar livre vazão a seus caprichos extravagantes, e no caso de repressão, a desencadear um combate ao zelador e ao pessoal de serviço, a menos que se lhe oponha força e que se reúna em grande número, ou seja, para contê-lo é preciso um aparato imponente que possa agir fortemente em sua imaginação e convencê-lo de que toda resistência será em vão. Eis aí um grande segredo nos hospícios bem organizados, para prevenir os acidentes funestos em casos imprevistos, e para contribuir fortemente na cura da mania<sup>9</sup>.

Pinel reiterava a necessidade da boa organização do hospital no que tange ao uso de remédios e da ação de funcionários aptos para *domar* o paciente em momentos de acesso de mania. Mas, sobretudo, ele defendia a intervenção moral do médico na relação com o paciente, ao introduzir nele valores que deveriam mudar *a cadeia viciosa de suas idéias*<sup>10</sup>. Os *efeitos do temor*, como os castigos corporais, não eram, de todo, refutados e tinham sim espaço nos hospitais psiquiátricos, mas era necessário haver *formas de repressão mais doces* e outros métodos deveriam ser empregados, como a *estima* que o doente deveria nutrir pelo médico. O modelo ideal de hospital para Pinel estava sintetizado na seguinte ideia:

Aqui estão os princípios que se segue estritamente no hospício de alienados de Bicêtre. Estamos, sem dúvida, muito longe de ter as vantagens do sítio, da posição do local, de sua extensão, de sua distribuição anterior, tal como as possui o Doutor Fowlen em seu estabelecimento na Escócia. Mas posso atestar, a partir de uma observação assídua de dois anos consecutivos, que as mesmas máximas da mais pura filantropia presidem a direção dos alienados de Bicêtre; que o pessoal de serviço não levanta a mão violenta sobre eles, sob qualquer pretexto que seja, mesmo por represálias; que as camisas de força e a reclusão por um tempo muito limitado são as únicas penas infligidas; e que na falta de sucesso pela via da doçura ou de um aparelho que impõe repressão, um estratagema hábil algumas vezes produz curas inesperadas<sup>11</sup>.

Pinel defendia ser o próprio hospital forte elemento propiciador da cura da doença, caso apresentasse condições adequadas para tal fim. Desta forma, não somente o tratamento terapêutico interno proposto pelo médico, através do uso de medicação, promoveria a cura, mas o próprio espaço arquitetônico, sua localização e seu ambiente arborizado e agradável também seriam instrumentos desencadeadores de uma nova concepção

<sup>9</sup> Ibidem, p.121.

<sup>10</sup> Ibidem, p.124.

<sup>11</sup> Ibidem, p.127.

de tratamento, bastante diferenciado dos antigos hospitais gerais<sup>12</sup>. Pinel acreditava na força revolucionária do tratamento moral e, em vários momentos, reiterava os limites do uso da força.

Considerava serem *felizes* os *efeitos* quanto ao *aparelho de temor* praticados nos hospitais, mas combatia seus excessos em nome dos *direitos sagrados da humanidade*, em uma perspectiva consonante com o espírito pós-revolucionário francês de fins de século XVIII acerca dos direitos e liberdades burgueses da sociedade moderna nos quais sua geração estava inserida.

Os tempos eram outros. Em nome da civilização e da racionalidade científica, os loucos deveriam, *em tese*, ter outro tratamento, diferenciado dos realizados nas antigas instituições totalizantes e nas quais eram submetidos às mais desumanas práticas de violência e violação de seus corpos e mentes.

## 2. Francisco Ribeiro Delfino Montezuma e as *Cartas Sobre a Loucura*: o discurso da loucura na imprensa cearense.

Em 1882, uma série de artigos foi publicada no jornal *A Gazeta do Norte*, na província do Ceará, intitulada *Cartas Sobre a Loucura*<sup>13</sup>, assinada pelo deputado e médico Francisco Ribeiro Delfino Montezuma, formado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1839. Embora não fosse especialista na área<sup>14</sup>, o médico dedicou amplo espaço para a temática da loucura em um órgão da imprensa liberal. Os textos apresentam-se em formato extenso e ocupam, em média, entre três a quatro colunas de página. A cada edição, era publicada uma *Carta Sobre a Loucura*, contabilizando o total de dez cartas, durante o primeiro semestre de 1882. Em síntese, os objetivos de Francisco Montezuma eram apresentar as definições e tipologias da loucura.

<sup>12</sup> CASTEL, R. *A Ordem Psiquiátrica: A Idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1978. PORTER, R. *Uma História Social da Loucura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.

<sup>13</sup> MONTEZUMA, Francisco Ribeiro Delfino. *Cartas Sobre a Loucura*. *A Gazeta do Norte*, 1882.

<sup>14</sup> O tema de sua tese de doutoramento versava sobre a *Blenorragia*.

<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5316071312;view=1up;seq=11>

Na *Primeira Carta*, destaca-se o aspecto científico da narrativa. Para legitimar o tema da loucura como objeto da medicina, Francisco Montezuma explica a busca do ser humano pelo conhecimento do universo e por sua *ordem natural*, das ciências e da medicina, considerada esta última como uma das grandes *revoluções* intelectuais de sua época.

Na *Segunda Carta*, o autor descreve minucias a respeito da estrutura e do funcionamento do sistema nervoso, considerando-o um dos *mais altos fenômenos da organização em ação animal*. Analisa a evolução das ciências nos ramos da anatomia, fisiologia e do sistema nervoso, considerando-o responsável pela sensibilidade, motricidade e perturbações mentais. O autor critica a doutrina animalista segundo a qual a loucura seria uma *moléstia d'alma* e o *pecado*, seu elemento causador; e atribuir ao sistema nervoso e ao cérebro os elementos centrais e os grandes responsáveis pelas perturbações mentais. Defensor da frenologia, Montezuma atribui ao cérebro o órgão explicativo para o funcionamento fisiológico e estrutural humano; a inteligência estaria associada não apenas às funções, mas ao tamanho do cérebro. Em sintonia com as ideias científicas vigentes, o autor considera que um crânio pequeno poderia até proporcionar a genialidade em determinados indivíduos, mas isto era concebido mais como exceção do que regra. Assim, o cérebro ocupava função de destaque em todo o funcionamento do organismo, ao determinar a racionalidade, sensibilidade e inteligência humanas.

A partir da *Terceira Carta Sobre a Loucura*, o médico concentra-se na temática propriamente da alienação. Reporta-se aos povos antigos, como os gregos, egípcios e judeus para mencionar que, na Antiguidade, as práticas de idolatria, magia, astrologia, entre outras atributivas de ordem religiosa, explicavam o fenômeno da loucura. Em tais práticas, os deuses e entidades similares castigavam ou presenteavam os indivíduos, com o poder de torná-los loucos ou de curá-los, respectivamente. Segundo o autor, na sociedade contemporânea, a loucura ocupava outro lugar, com o progresso do pensamento: o da *gloria da ciência e bem estar da humanidade*, pois anteriormente, o charlatanismo, a superstição e o ambiente de ignorância e da obscuridade vigoravam entre os povos.

Mencionando Pinel como o precursor das novas relações para a compreensão da loucura, Montezuma reconhecia haver divergências entre os médicos alienistas acerca de suas definições e classificações. Contudo, embasado na classificação de Esquirol, conceituava a

loucura a partir de uma *'afecção cerebral, ordinariamente chronica, sem febre, caracterizada por desordens da sensibilidade, da inteligencia, da vontade*. Ou seja, a medicina teria dado outro lugar à loucura, o de status de doença. Assim, Montezuma colocase como porta-voz de uma nova era ou fase em que o louco:

não é mais um objeto sagrado e adorado por ignorâncias grosseiras, não sendo mais um ser amaldiçoado e evitado por crenças estúpidas, não sendo mais o jogral que divertia os reis e satisfazia a curiosidade publica no meio de risotas e apupadas, mas sim um homem doente de uma moléstia<sup>15</sup>.

O autor considera ainda o *illustre Pinel* como um marco divisor de águas no tratamento da loucura, pois ele havia substituído os *exorcismos pela therapeutica*; os *tribunaes*, os cárceres e as fogueiras pelo hospital e, ao arrancar o louco das *garras do fanatismo*, [Pinel] *collocou em seu verdadeiro logar esse paria* [o louco] *da sociedade*. Além disso, Pinel teria articulado a razão e o progresso científicos a outros sentimentos, como: *o mais sublime dos sentimentos sociaes christãos e humanitários – a charidade*. Assim, Pinel teria aliado o saber científico e a caridade cristã, os quais, juntos, proporcionariam o eficiente tratamento da loucura.

Na *Quarta Carta Sobre a Loucura*, Montezuma levanta questões específicas referentes ao delírio, ao abordar suas definições e tipologias. Ressalta que nem todo delírio estaria relacionado à loucura, pois havia doenças ou moléstias cujos comportamentos delirantes eram motivados pelo uso de ópio ou de bebidas, por exemplo.

Na *Quinta Carta*, Montezuma volta à temática do delírio, mas relacionado à loucura propriamente dita. Menciona acerca do delírio maníaco e descreve de forma detalhada sobre os vários tipos de comportamentos encontrados pelos loucos internados nos hospícios. Neles, as atitudes dos doentes caracterizavam-se pela desordem, excentricidades e esquisitices. Eram variados os tipos de comportamentos. Havia aqueles que possuíam *idéias incoherentes, truncadas, disparatadas*; aqueles que olhavam *espantados para atraz, para a*

---

<sup>15</sup> MONTEZUMA, 1882, s/n.p.



*direita e para a esquerda como se alguém o seguisse; aqueles que procuravam sacrificar vítimas, pois assim obedece à uma ordem superior e finalmente, aqueles entregão-se a toda sorte das imundices, deitão-se nos logares onde ourinão e defecão, cobrem os corpos com as excreções e tornão-se assim criaturas repulsivas e repelentes.* Comportamentos relativos à questão sexual dos loucos também foram abordados por Montezuma quando os loucos demonstravam publicamente seus desejos lascivos, desenfreados e obscenos.

Outra problemática tratada na *Quinta Carta* refere-se ao furor: uma *conseqüência de concepções delirantes* dos maníacos que, em termos de durabilidade poderiam manifestar-se com permanência variada: de horas a anos. Em casos mais intensos do furor, o autor sugere que a morte era única companheira do louco, pois o aliviava do infortúnio da desrazão: *a morte – esta boa amiga do desgraçado – vem dar o ultimo traço n’este lamentável quadro da miséria humana.*

Na *Sexta Carta*, Montezuma refere-se a dois tipos de alienados mentais, os maníacos e monomaníacos. Apresenta suas características e distinções nos hospitais psiquiátricos e faz referência a sua experiência profissional nos hospícios da Bahia e do Rio de Janeiro onde viu mulheres e homens monomaníacos que, imbuídos da idéia de *grandeza e superioridade*, afirmavam ser ou *Virgem Maria* ou *Jesus Christo*. Além desses tipos, menciona ainda a existência de alienados monomaníacos que exprimiam *paixões deprimentes* ou idéias melancólicas. Outras tipologias de alienação mencionada pelo autor foram: a *lipemania* no qual o louco apresentava quadro de tristeza profunda e a *erotomania*, relacionada à monomania erótica, amorosa e sexual, que envolviam desde a idealização de amor puro aos casos de ciúmes excessivos da mãe em relação à filha.

Na *Sétima Carta*, Montezuma aborda outro tipo específico da monomania: a devoção religiosa ou mítica e expõe, através da literatura médica e de narrativas populares, casos em que homens e mulheres acreditavam fervorosamente estar ligados à religião entre os quais o de um sujeito que, afirmava ver Jesus Cristo, o de uma mulher que, em alucinação furiosa, matou um padre e casos de *cacodemomania*, em que o indivíduo estaria possuído por espíritos.

A *Oitava Carta* inicia-se com casos de suicídios narrados pela literatura histórica, praticados por povos da Antiguidade e reprovados pelo autor, ao considerá-los como atos *que*

*corôavão e endosavão a fraquesa...* Mais adiante, Montezuma trata de outros tipos de monomania, relativas à criminalidade, ao homicídio, à cleptomania e à dipsomania e exemplifica os tipos de comportamento diferenciados para as práticas de assassinato, roubo e estado de embriaguez, respectivamente.

A *Nona Carta* refere-se à alucinação e à ilusão – em seus vários tipos de comportamento – nos quais os alienados diziam ver espectros e anjos, ouviam vozes, travavam diálogos imaginários ou acreditavam existirem vermes em si que os roíam. Menciona os fenômenos associados à alienação, como: sensorial, intelectual ou psico-sensorial e especificamente à alucinação feminina, relacionada, via de regra, às questões de ordem genital e sexual. Menciona ainda os loucos morais e aqueles que, em determinadas circunstâncias, possuíam intervalos de lucidez em sua alienação.

Por fim, na *Décima Carta Sobre a Loucura*, Montezuma não aborda a figura do louco, mas a do indivíduo tido como normal, ao destacar as duas faculdades humanas que o diferenciavam dos demais seres: a inteligência e liberdade. Exemplifica alguns gênios da história da humanidade que, através de suas *idéias tão elevadas e pensamentos tão sublimes*, contribuíram para o conhecimento e para a ciência. Destaca ainda a figura do médico e sua importância indiscutível para a sociedade e para a justiça, no caso, por exemplo, da análise sobre a responsabilidade dos atos praticados por criminosos, por ser o médico o único capaz de interceder em tal matéria: *muitas vezes o medico é chamado para em nome da sciencia cortar o nó górdio da dúvida, o que é muito importante, pois só elle é o competentemente habilitado para conhecer da saúde e da moléstia*. A última *Carta* visava oferecer tributo às potencialidades intelectuais, morais e mentais dos indivíduos normais. O louco não foi mencionado na última carta.

As *Cartas Sobre a Loucura* representam um importante documento acerca da literatura médica no que concerne à definição, descrição, nosologias e características da alienação. O lugar da fala de Montezuma era o do saber autorizado que leva seus conhecimentos a um jornal não especializado na área médica cujo público era majoritariamente leigo. Apesar de não ser especialista em psiquiatria, o autor mantinha-se atualizado quanto às discussões e aos paradigmas médico-psiquiátricos de sua época e, em

mais de um momento, mencionou médicos alienistas, como Pinel, Esquirol, Falret e Baillarger.

As *Cartas* foram publicadas quatro anos antes da inauguração do primeiro asilo para alienados no Ceará, o Asilo São Vicente de Paula, em um momento em que havia grande número de alienados na província. Elas apresentaram-se como uma prática discursiva importante para a reconstrução acerca do cenário intelectual em que envolveu os momentos antecessores da fundação do asilo para alienados, localizado na vila da Parangaba<sup>16</sup>.

### 3. Gustavo Barroso e a *Terra do Sol*: entre normalidades e patologias das figuras populares cearenses.

Formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, literato e membro da Academia Brasileira de Letras, Gustavo Barroso publicou, em 1912, a obra *Terra do Sol*, dividida em cinco partes – *O Meio, Os Animais, O Homem, A Arte e A Lenda* – nas quais aborda aspectos variados da vida social e cultural do sertão do Ceará. Não há como não observar, de imediato, a influência do pensamento de Euclides da Cunha na narrativa haja vista que a própria estrutura da obra, através da divisão das partes que a compõem, está voltada para a discussão acerca de elementos relativos ao ambiente físico e ao indivíduo. A parte referente ao *O Homem* será o objeto de discussão desse artigo.

Nela, Gustavo Barroso visa analisar os *tipos* cearenses localizados nos sertões, em uma época acentuadamente marcada pela construção de projetos de identidade nacional cuja genealogia data da primeira metade do século XIX e que perduraram até as primeiras décadas do século XX. As imagens antagonicas construídas em torno do sertão e do litoral, como

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A Institucionalização da Loucura no Ceará**. Revista Ação & Debate – Ética, Cidadania e Saúde. Assembléia Legislativa do Estado do Ceará/ Universidade do Parlamento Cearense, Fortaleza: Ed. Inesp, Ano I, v. 2. 2011. \_\_\_\_\_. **A Loucura no Ceará: o projeto de construção do asilo de alienados e a seca de 1877-79** IN. NASCIMENTO, Dilene (org.) **Uma História Brasileira das Doenças** – volume 3. Belo Horizonte. Ed. Argumentum, 2010. \_\_\_\_\_. **A Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e o Asilo São Vicente de Paula: A Problemática da Loucura no Ceará**. Cadernos de História: Oficina de História- Escritos Sobre a Saúde, Doenças e Sociedade. Ano VII, nº 7, 2011. \_\_\_\_\_. **O Asilo de Alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1871-1920)**. Tese de Doutorado. UFPE, 2011.

lugares marcados pela tradição e pela afeição ao progresso, respectivamente, abrem a terceira parte da obra.

O objetivo de Gustavo Barroso é analisar os tipos populares cearenses existentes no sertão; para isso ele enumera três: 1. *Tipos Desaparecidos*; 2. *Tipos Anormais*; 3. *Tipos Normais*. O primeiro está representado na figura do passador de gado; um sujeito descrito como calmo, corajoso, honesto e forte, que perdurou por todo o período colonial na realização de trabalhos de transporte de gado e de seus produtos, nas feiras e transações comerciais estabelecidas entre as vilas cearenses e as capitanias brasileiras. Com a construção das estradas de ferro e o processo de modernização da economia cearense, o passador de gado teria deixado de existir, mantendo-se vivo apenas na memória popular<sup>17</sup>.

O segundo tipo, os *anormais*, está dividido em dois grupos: os cangaceiros e os curandeiros. Gustavo Barroso não esconde sua crítica e mesmo desprezo, ao descrevê-los. No primeiro grupo, o autor utiliza-se dos seguintes adjetivos para defini-los: *selváticos, ferozes, perversos, covardes* e, para justificar seus atos considerados criminosos, o autor recorre à linguagem científica da época, utilizando-se das argumentações de cunho biológico, étnico e climático, ao afirmar que os cangaceiros sofrem de *descalabro nervoso, produto da ancestralidade do cruzamento étnico*<sup>18</sup>.

Acerca do elemento racial de sua argumentação, o autor afirma que *raramente* há cangaceiros brancos; eles são *sempre mestiços (...) mal formados, faces horrendas, simiescas com contração de orangotango (...) negro de bocarra (...) sujos (...) lembram dentes de um bicho que vivesse afocinhando o lodo*<sup>19</sup>.

Sobre o elemento biológico, o autor destaca os aspectos hereditários e atávicos dos cangaceiros, considerando-os: *criminosos degenerados, tarados pelo atavismo, com nevroses de todas as espécies*. As causas de tais práticas voltadas para o crime seriam os *determinantes psicológicos de bastardia étnica e dos instintos degenerativos; astenia última dos degenerados*. Sem mencionar diretamente o antropólogo Cesare Lombroso, Gustavo Barroso utiliza-se de termos científicos da principal tese do cientista italiano acerca da criminologia no que tange ao criminoso nato, quando se refere aos elementos de

<sup>17</sup> BARRROSO, Gustavo. **Terra do Sol**. Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza. ABC Editora, 2006, p.76.

<sup>18</sup> Idem, p. 83.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 83-86.

*predisposições redutíveis* existentes nos cangaceiros quanto *ao roubo, ao estupro e ao assassinio*<sup>20</sup>. Sem mencionar ainda médicos como Pinel ou Esquirol, o autor também parece ser conhecedor das ideias acerca das manias religiosas ou supersticiosas retratadas pela literatura psiquiátrica da época, quando afirma existirem tipos de cangaceiros, *submissamente crente em superstições e bruxedos, com nevroses místicas e psicopatas sanguinários; os infinitamente miseráveis degenerados completos, nevropatas ignóbeis*. Os termos pertinentes à linguagem psiquiátrica aparecem em vários momentos, como: *demência do cérebro e degenerados*<sup>21</sup>.

Sobre o elemento referente ao meio físico, Barroso afirma que: *a vida selvagem do cangaço atrai cérebros predispostos ao crime* e o cangaceiro seria um tipo de *gente muito baixa pelo cruzamento e pelas taras*<sup>22</sup>. O autor reforça ainda a imagem do sertão como lugar do atraso e detentor de seus próprios valores e leis, ao afirmar:

Matar não é crime hediondo no sertão. É coisa comum. Crime lá é o crime contra a honra e não o crime contra a vida. Assim estabelecem as usanças e querem as condições climáticas e étnica. Havendo ocasião, todos matam, mas nem todos roubam. O ladrão é raro, o assassino é comum<sup>23</sup>.

O segundo tipo anormal retratado por Gustavo Barroso é o curandeiro. O autor destina-lhe menor espaço na narrativa, mas assim como o cangaceiro, também o considera herdeiro de má composição étnica, ao afirmar ser resultado das raças africanas e indígenas, consideradas inferiores:

As reminiscências das bruxarias africanas e indígenas formam a base de todas as feitiçarias em que as europeias aparecem apagadamente, com o seu cunho religioso velado pelo fetichismo das duas raças inferiores.

<sup>20</sup> Ibidem, pp. 83-89.

<sup>21</sup> Ibidem, pp. 84, 95.

<sup>22</sup> Ibidem, pp.88, 107.

<sup>23</sup> Ibidem, p.98.

Afirma ainda Gustavo Barroso que *quase sempre* o curandeiro é *negro idoso, sebento, embruteado, ou um mestiço esquálido, sujo, com tiques nervosos no rosto (...)* e *imerso na indiferença de profundo cismar, dizem as velhas com espanto que vai cochichando com o diabo*<sup>24</sup>. Critica o local onde reside e trabalha, descrevendo-o como *sala imunda e lóbrega* e considera-o um charlatão que *age sob o efeito de sugestão moral*; mas, reconhece ser ele um tipo bastante popular nos sertões.

Por fim, o terceiro e último capítulo da parte *O Homem* é voltada para os *Tipos Normais* os quais Gustavo Barroso enumera três: os sertanejos, fazendeiros e vaqueiros. O meio será o primeiro viés argumentativo utilizado pelo autor para abordar o sertanejo. Em paráfrase a Vitor Hugo, afirma que: *A alma do sertão modelou a alma do sertanejo*. E faz associação direta do caráter do homem ao meio em que está inserido, na passagem: *é hospitaleiro como todo homem primitivo e rotineiro por educação e por hereditariedade*. Ao contrário dos tipos anormais anteriores, o sertanejo é bom, honrado, inteligente, corajoso e desempenha um *eterno combatente com o meio*. Mas, também é triste, como é a terra infeliz<sup>25</sup>. É ainda honesto, orgulhoso, calmo e sereno e, ao considerar que nem a maior desgraça, como epidemias, perturba-o, Gustavo Barroso menciona Euclides da Cunha, ao afirmar que ele é a *rocha viva de nossa nacionalidade*. Mas, não ignora nem atenua os defeitos do sertanejo, pois também o considera *indiferente, rotineiro, descuidado e indolente*, sobretudo em época de inverno ou fartura. Raros eram os alfabetizados e, além disso, ainda *falam mal e de forma arrastada*<sup>26</sup>. Para o autor, existiriam basicamente poucas carreiras para o sertanejo; ou ele torna-se vaqueiro, agregado ou fazendeiro e finaliza a parte desta obra, com a afirmação:

Mas, rico ou pobre, vaqueiro, agregado ou fazendeiro, é um infeliz o sertanejo humilde, sempre jungido à natureza impiedosa e muda, que com um lágrima de chuva lhe dá abundância e com um sorriso azul do céu o mata de fome, de sede, de miséria!...

<sup>24</sup> Ibidem, p.109.

<sup>25</sup> Ibidem, pp.117,8.

<sup>26</sup> Ibidem, pp 121, 129.

A obra de Gustavo Barroso insere-se em uma perspectiva proposta elaborada por intelectuais de sua geração que buscavam construir retratos do Brasil. Contudo, ao contrário de autores como Paulo Prado ou Sérgio Buarque de Holanda, o ensaísta cearense visava desenhar tipos populares relativos à sua própria realidade e experiência sociocultural. Assim, enquanto uma literatura ensaísta acerca do ‘caráter nacional brasileiro’, formada por autores e correntes de pensamento distintos que remontam ao século XIX e adentraram no século XX, desenhavam, sociologicamente, vários contornos acerca dos brasileiros, de um modo em geral<sup>27</sup>, Gustavo Barroso buscou adentrar no universo das populações do sertão longínquo. Aos passadores de gado, cangaceiros, curandeiros, sertanejos, eram dadas explicações acerca do seu modo de ser, de viver e, sobretudo, de seu caráter, relacionando-os, de forma imbricada, às formações étnica, geográfica e biológica pré-determinadas. As análises negativas feitas por Gustavo Barroso acerca das raças negra e indígena e de determinados grupos sociais contribuiu para ser ele considerado pela historiografia como um intelectual conservador e entusiasta do antissemitismo e do integralismo brasileiros<sup>28</sup>.

Além da forte influência dos determinismos racial, climático e biológico<sup>29</sup> existentes em *Terra do Sol*, Gustavo Barroso também se adentrou no universo da psiquiatria, ao

<sup>27</sup> ABREU, Marta, SOIHET, Raquel CONTIJO, Rebeca. **Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. RJ: Civilização Brasileira, 2007. FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000. IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**. SP: Brasiliense, 1992. IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil- capítulos de historiografia brasileira**. RJ: Nova Fronteira, Belo Horizonte. UFMG, IPEA, 2000. IGLÉSIAS,. **História & Literatura: Ensaio para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Perspectiva; BH: Codeplar-FACE-UFMG, 2009. HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 9ª ed. RJ: Olympio, 1976; LEITE, D.M. **O Caráter Nacional Brasileiro – história de uma ideologia**. 4ª ed. SP: Pioneira, 1983; MORAES, J.G.V. de, REGO, J. M. **Conversa com Historiadores Brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002. MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-74)**. SP: Ática, 1990. MOTA, Lourenço Dantas (org). **Introdução ao Brasil – um banquete no Trópico**. SP: Ed Senac, vol1, 2001, 3ª Ed. PRADO. Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 1999. VELOSO, M. MADEIRA A. **Leituras Brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>28</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso**. *Revista de História*, Brasil, n. 129-131. 1994. JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. **O anticomunismo de Gustavo Barroso como instrumento para um discurso intolerante**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

<sup>29</sup> DARMON, P. **Médicos e Assassinos na Bella Époque – a medicalização do crime**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. GOULD, S. **A Falsa Medida do Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, col. ciência aberta. MOTA, ANDRÉ. **Quem é Bom já Nasce Feito – sanitarismo e eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2003. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. SP: Cia das Letras, 1993.

distinguir os tipos de sertanejos a partir da visão dual entre os normais e anormais. Assim, independente de ser da área médica, Gustavo Barroso também se manteve atento as principais discussões no âmbito científico e político-social de sua época com a utilização de termos e linguagens específicos desse campo de conhecimento.

## Considerações Finais:

Esse artigo buscou estabelecer articulação e cruzamentos com fontes históricas distintas publicadas entre o início do século XIX e do XX cujas temáticas acerca da loucura ou anormalidade foram os pontos convergentes. Na primeira, a fala destacada é a do saber psiquiátrico produzido pelo médico Philippe Pinel, ao delinear as primeiras descrições, classificações e explicações acerca da loucura, de um modo em geral, e das manias, em particular. A segunda foi produzida por um médico não especializado em alienação, o Dr. Francisco Ribeiro Delfino Montezuma, mas que conhecia a realidade dos hospitais psiquiátricos do Rio de Janeiro e da Bahia e que se utilizou do veículo do jornal como forma de levar ao público leigo seus conhecimentos sobre a loucura. Por fim, a terceira narrativa não é versada no mundo científico. Embora Gustavo Barroso seja um indivíduo das letras e do direito, o lugar de sua fala é o de conhecedor da realidade do sertão cearense e utiliza-se do gênero literário<sup>30</sup> ensaísta para tratar de tipos populares.

Divergências há entre eles. Contudo, observam-se muitos encontros que se cruzam em seus discursos, sobretudo porque o ambiente em que estão inseridos volta-se para a construção de uma ideia de mundo civilizado, moderno e racional. Enquanto nas duas primeiras narrativas, a defesa de um modelo de saber autorizado e racionalizado é aberta; na última, há a ideia dicotômica entre dois espaços; o primeiro marcado pelo atraso mediante a manutenção de antigas formas de vivência populares onde o meio físico é visto como primitivo e o segundo, representado pelo progresso de um mundo civilizado no qual o sertão não está inscrito. Ou seja, aquele que não detém os preceitos difundidos pelos novos

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **História e Literatura: relação de sentidos e possibilidades**. IN. VASCONCELOS, G. (Org.). **Linguagens da História**. Fortaleza, Imprece, 2003.



paradigmas do mundo civilizado está fadado ao atraso. Esse seria o caso do sertanejo, estagnado em um tempo do arcaico, sem grandes perspectivas e construtor de um mundo paralelo baseado em valores e leis próprios. O sertanejo permanece em estado primitivo como o é o meio físico em que vive. Suas virtudes são reconhecidas, mas também seus vícios e defeitos não são omitidos e apresentam-se de maneira contundente. É nesse momento, que o autor faz a distinção entre os sertanejos normais e os anormais. Os primeiros seriam indivíduos bons, embora fossem ingênuos e estivessem presos a modelos primitivos de contato com o mundo. Quanto ao segundo, são descritos como degenerados, perversos ou charlatães.

Convém ressaltar, entretanto, que as três fontes acima não representam apenas registros acerca da busca pelo ideário moderno e civilizador societário, mas estão condizentes ainda com a aspiração de construção de uma identidade nacional e burguesa na qual a loucura e a sua contenção têm um lugar claro para o novo projeto político, econômico e cultural do período. Os loucos estão reduzidos à condição de exclusão e marginalização social, pois representam corpos não produtivos, inadequados e inaptos a uma sociedade que se abre notadamente para os avanços da burguesa industrial.

Os saberes e olhares de mundo cruzam-se entre Pinel, Montezuma e Barroso e, não é por mera coincidência. O cruzamento, a circularidade e a apropriação dos saberes produzidos pelas narrativas científica, jornalística e literário-sociológica estão inseridos em cenários similares entre si que, sem dúvidas, são representativos de um tempo, de um novo paradigma de comportamentos e de novos valores que se afirmam, socialmente, em movimentos de inclusão e exclusão de determinados grupos sociais, no caso aqui, os dos homens e mulheres loucos.

## Fontes

BARRROSO, Gustavo. *Terra do Sol*. Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza. ABC Editora, 2006.

MONTEZUMA, Francisco Ribeiro Delfino *Cartas Sobre a Loucura*. *A Gazeta do Norte*, 1882.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

\_\_\_\_\_. Ciências Cirúrgicas. Da Blennorrhagia.  
<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5316071312;view=1up;seq=11>. Acesso em:  
24.03.2015.

PINEL, P. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1801)*. (extratos sobre a mania e sobre o tratamento moral). Clássicos da Psicopatologia ano VII, n. 3, set/ 2004 *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.* VII, 3, 117-127 *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale ou la Manie*. Paris: Richard, Caille e Ravier, 1801. Tradução por Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco.